

# A trajetória da professora Elvira Honorina Guerra Fontes na educação aracajuana

*Bruna Morrana\**

## *Resumo*

À luz dos pressupostos teóricos e metodológicos da Nova História Cultural, a finalidade deste trabalho é reconstruir a trajetória da professora primária Elvira Honorina Guerra Fontes, que muito contribuiu para a educação sergipana no início do século XX, mas que foi pouco mencionada nos estudos sobre o tema. Além de dedicar uma parte da sua vida a lecionar nas escolas públicas de Aracaju, sua cidade natal, Elvira Guerra foi sócia do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe nos anos 1920 e atuou na Liga Sergipense contra o Analfabetismo, chegando a ocupar a vice-presidência. No estudo, foram utilizadas fontes primárias, com destaque para os registros da imprensa local, que mostram os espaços públicos ocupados pela docente, o que a tornou reconhecida como intelectual e pelo seu compromisso com a educação.

**Palavras-chave:** História da Educação, Aracaju, Professora.



\* Doutora em História pela Universidade de Brasília (2023), Mestre em História pela Universidade Federal de Sergipe (2018). Atualmente, desenvolve pesquisas principalmente nas áreas de História de Sergipe, História da Saúde, História da Morte e História do Brasil Império.

## The trajectory of teacher Elvira Honorina Guerra Fontes in Aracaju education

## La trayectoria de la docente Elvira Honorina Guerra Fontes en la educación aracajuana

### *Abstract*

In light of the theoretical and methodological assumptions of the New Cultural History, the purpose of this work is to reconstruct the trajectory of the primary teacher Elvira Honorina Guerra Fontes, who contributed greatly to education in Sergipe at the beginning of the 20th century, but who was little mentioned in studies on the theme. In addition to dedicating part of her life to teaching in public schools in Aracaju, her hometown, Elvira Guerra was a member of the Historical and Geographic Institute of Sergipe in the 1920s and worked in the Liga Sergipense against Illiteracy, reaching the vice-presidency. . In the study, primary sources were used, with emphasis on records from the local press, which show the public spaces occupied by the teacher, who became recognized as an intellectual and for his commitment to education.

**Keywords:** History of Education, Aracaju, Teacher.

### *Resumen*

A la luz de los presupuestos teóricos y metodológicos de la Nueva Historia Cultural, el objetivo de este trabajo es reconstruir la trayectoria de la maestra primaria Elvira Honorina Guerra Fontes, quien contribuyó mucho a la educación en Sergipe a principios del siglo XX, pero que fue poco mencionada en los estudios sobre el tema. Además de dedicar parte de su vida a la docencia en escuelas públicas de Aracaju, su ciudad natal, Elvira Guerra militó en la década de 1920 en el Instituto Histórico y Geográfico de Sergipe y trabajó en la Liga Sergipense contra el Analfabetismo, alcanzando la vicepresidencia. . En el estudio se utilizaron fuentes primarias, con énfasis en registros de la prensa local, que muestran los espacios públicos ocupados por el docente, quien se hizo reconocido como intelectual y por su compromiso con la educación.

**Palabras clave:** Historia de la Educación, Aracaju, Docente.



## Introdução

As contribuições do movimento feminista e a introdução de novas fontes, métodos e objetos a partir da terceira geração do movimento dos *Annales* foram determinantes para que as mulheres, antes “invisíveis”, começassem a fazer parte do campo de pesquisa dos historiadores profissionais. Peter Burke (2012, p. 85) reforça essa ideia quando diz que “o movimento feminista e as teorias com ele relacionadas encorajaram os historiadores e historiadoras a fazerem novas perguntas a respeito do passado – sobre supremacia masculina, por exemplo, em diferentes tempos e lugares.”

Com as transformações trazidas pela “Nova História” dos anos 1970 e 1980, caracterizada pela compartimentalização do campo histórico, os estudos sobre família, sexualidade, vida privada e práticas cotidianas possibilitaram que o sujeito feminino fosse sendo incluído nas preocupações dos pesquisadores. Por outro lado, não podemos deixar de considerar que os trabalhos de George Rudé, Albert Soboul e E. P. Thompson, na esteira da “história vista de baixo”, também inspiraram os historiadores na década de 1960 a abandonar “os mais tradicionais relatos históricos de líderes políticos e instituições políticas [...]” (HUNT, 1992, p. 7).

Por muito tempo, o trabalho feminino foi desconsiderado porque “boa parte dele não foi registrada nos documentos oficiais, pesquisas de trabalhadores encomendadas e realizadas por funcionários do sexo masculino.” (HUNT, 1992, p. 7). Em 1991, a pesquisadora Joan Scott afirmou que a história das mulheres “apareceu como um campo definível principalmente nas duas últimas décadas” e que, apesar das dificuldades e desigualdades de posição e de recursos nas universidades, “[...] é uma prática estabelecida em muitas partes do mundo.” (SCOTT, 2011, p. 65).

A ideia de escrever sobre uma “mulher trabalhadora” partiu do interesse em dar continuidade ao texto “Família e Poder na Comarca de Aracaju: a trajetória dos Guerra Fontes (1855-1889)”, publicado no número 48 da *Revista do IHCSE* em 2018<sup>1</sup>. Partimos da

1 SANTOS, Bruna Morrana dos. Família e poder na Comarca de Aracaju: a trajetória dos Guerra Fontes (1855-1889). In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. Aracaju: Criação, vol. I, nº 48, p. 133-144, 2018.

premissa de que, naqueles tempos, a posse de um diploma por uma mulher permitia a ela acessar o mercado de trabalho e adentrar, paulatinamente, o espaço público, uma vez que a atuação feminina se restringia ao espaço privado do lar. E, apesar de nos últimos anos terem sido publicadas pesquisas sobre as mulheres sergipanas de destaque, não encontramos nenhuma menção feita a Elvira Guerra Fontes – professora, poetisa e escritora que se tornou respeitada dentro da intelectualidade sergipana da sua época. Portanto, o objetivo deste artigo é descrever a trajetória da referida professora, pontuando os espaços por ela ocupados no campo educacional e de maneira mais ampla, como integrante da elite cultural e intelectual de Aracaju nas primeiras décadas do regime republicano. No sentido bourdieusiano, trajetória significa uma série de posições sucessivamente ocupadas por um agente. Mas, é importante assinalar a existência de diversas noções de trajetória e que, para esse estudo, estamos considerando as trajetórias individuais ou singulares que “consistem em respostas a um estado determinado de oportunidades objetivamente oferecidas pela história coletiva ao conjunto de uma geração.” (CATANI, 2017, p. 355).

Para isso, além de dialogar com a historiografia especializada, nos utilizamos de um variado *corpus* documental composto de jornais, documentos oficiais e cartoriais, que são registros de sua trajetória enquanto professora primária. Um detalhe que não deve ser desprezado é o “silenciamento” das fontes em relação à atuação de Elvira Guerra já no início da década de 1930. Isso quer dizer que a maior quantidade de informações a respeito dela foi encontrada na documentação referente à década final do século XIX e às duas primeiras do século XX.

### *Origem familiar e formação*

A família Guerra Fontes formou-se a partir de dois troncos familiares detentores de prestígio durante a primeira metade do século XIX. A nova família se constituiu em Aracaju, capital da província de Sergipe, desde 1855. Em 1º de setembro de 1867, Joaquim e Eufemia, que já eram pais de quatro filhos, celebraram o



batizado de Elvira Honorina Guerra Fontes, nascida em 21 de novembro de 1866.

A menina era branca e com seus poucos nove meses de existência já estava em perigo de morte (FAMILY SEARCH, nº 584, p. 59). O batizado de Elvira mostrou que seus pais preferiram buscar compadres fora da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Aracaju, visto que o seu padrinho foi Manoel Sousa Macieira, da cidade de Maruim, e Marianna Garcez, representada mediante procuração por Marianna Freitas. Felizmente, a menina conseguiu sobreviver e, quando adulta, foi mais além do que sua mãe e sua avó materna, que já eram alfabetizadas, e se tornou uma das mais distintas educadoras de Aracaju.

Registros da imprensa local nos permitem afirmar que, desde criança, ela já se destacava por ser uma aluna dedicada. Durante os exames que antecederiam o final do ano letivo escolar de 1877, Elvira, que estudava na “2ª Escola de Ensino Elementar do sexo feminino da cidade de Aracaju”, recitou poemas e discursou ao lado de outras colegas. A escola estava sob a direção da professora Ana Saturnina de Rezende Mondim, provedora da segunda cadeira de primeiras letras para meninas desde 1868. A notícia destacou que o diretor da instrução pública, Dr. Pelino Francisco de Carvalho Nobre, notou a distinção da estudante Elvira Fontes:

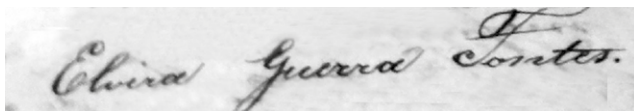
[...] foram submettidas às provas indicadas no programma adoptado, que foi rigorosamente observado, seis alumnas comparecentes das sete cujos nomes foram apresentados como preparadas nas materias do ensino, as quaes foram, depois do julgamento da commissão examinadora, approvadas plenamente com louvor; **determinando o director da instruccção publica que se inserisse no termo respectivo a distincção que por sua parte fazia da alumna D. Elvira Honorina Fontes.** (JORNAL DO ARACAJU, 1877, p. 1, grifo nosso).

Podemos dizer que Elvira aprendeu as primeiras letras num contexto marcado pelos efeitos do Regulamento de 9 de janeiro de 1877,



“aprovado pela Resolução nº 1079, de 5 de março do mesmo ano, que reformava o ensino público primário e secundário [...]” (NUNES, 2022, p. 204) e que criava outro estabelecimento para moças com sede no Asilo de Nossa Senhora da Pureza. Depois do falecimento do seu pai em 1878, o capitão reformado do Exército, Joaquim Martins Fontes, a mãe se tornou a tutora dos filhos menores (Joaquim, Manoel, Elvira, Oscar, José e Maria) e responsável por cuidar dos poucos bens que restaram aos órfãos. O que se esperava de Eufemia era que ela “*administrasse exatamente os seus bens, cuidasse excrupulosamente de suas educações, defendendo suas pessoas e bens, tanto em juízo, como fóra d’elle [...]*” (AGJES, nº 361, p. 20).

**Figura 1: Assinatura de Elvira Guerra Fontes em 31 de agosto de 1878**



Fonte: AGJES. Inventário de Joaquim Martins Fontes. Fundo: Aracaju, Cartório do 2º Ofício, cx. 22/2329, nº 361, p. 14.

De fato, saber ler e escrever num país de maioria analfabeta era um privilégio. Ao que tudo indica, a família já vivia em “estado de pobreza” antes mesmo da morte do chefe da família. Basicamente, o sustento provinha do soldo que Joaquim recebia do Exército. Durante o ato de partilha, a legítima paterna que coube a Elvira e aos demais irmãos foi de 85\$714 (oitenta e cinco mil e setecentos e quatorze réis). O referido valor foi proveniente de um quinhão da escravizada do serviço doméstico, Valentina, de 19 anos (AGJES, nº 361, p. 21).

As agitações decorrentes da crise do final do regime monárquico, como o crescimento da campanha abolicionista e do movimento republicano no país, também impactaram a sociedade aracajuana daquela época. A cidade já contava com uma estação telegráfica, e, economicamente, Aracaju se desenvolvia através do comércio, atividade que estimulou a fixação de estrangeiros, e com a criação da fábrica de tecidos e fiação Sergipe Industrial, inaugurada no dia 15 de fevereiro de 1882.

Do ponto de vista estrutural, as obras de dessecação dos pântanos e de aterramento e nivelamento das ruas apresentavam avanços visíveis, porém o estado higiênico da capital sergipana ainda não era considerado satisfatório.

No ano de 1881, Elvira se inscreveu para prestar os exames gerais preparatórios, que eram realizados perante a delegacia especial da instrução pública da Corte. De acordo com a ordem estabelecida para se fazer o exame, ela estava na terceira turma de português, de presença majoritariamente masculina (SERGIPE JORNAL, 1881, p. 3-4). Ao mesmo tempo, seu irmão Manoel também estava inscrito para o exame, porém na sexta turma de aritmética. A jovem recebeu a aprovação plena nos exames gerais de português (SERGIPE JORNAL, 1881, p. 1). No ano seguinte à sua aprovação, mais uma tragédia se abateu sobre a família Guerra Fontes: Cinésio, o segundo herdeiro do casal, morreu na tarde do dia 11 de junho de 1882 aos 20 anos, vítima de beribéri (FAMILY SEARCH, nº 4610, p. 14). Antes de deixar o mundo dos vivos, Cinésio ingressou no batalhão de linha da capital. A nota publicada no jornal *Luz Matinal* lamentou essa perda tão precoce: “*Sua mãe e mais parentes aceitem nossas condolências.*” (LUZ MATINAL, 1882, p. 2).

Oriunda de uma típica família de classe média de Aracaju, já no início da fase adulta, estudou na Escola Normal do 1º Grau, sediada no pavimento térreo do Palacete da Assembleia Provincial. Nesse sentido,

Para as jovens sergipanas desta época, a possibilidade de realizar o curso normal era uma das únicas oportunidades de continuarem estudando e se prepararem para exercer uma atividade profissional fora do ambiente doméstico, uma vez que o magistério era socialmente aceito e entendido como prolongamento dos papéis femininos exercidos no lar (FREITAS, 2003. p. 57).

O curso durava três anos e quem lá estudasse tinha aulas de pedagogia, francês, aritmética, gramática portuguesa, religião, história e geografia. Concluído o curso, a jovem normalista estaria apta

para ser professora primária. Nas últimas décadas do século XIX, a educação para a mulher tinha o objetivo de vincular esta “[...] à modernização da sociedade, à higienização da família, à construção da cidadania dos jovens.” (LOPES, 2002, p. 447). Em 1886, Elvira já havia se tornado uma educadora por aquela escola, mas ainda não havia sido provida no magistério público (GOIS, 1886, p. 25).

### *Elvira, a distinta professora*

As primeiras informações sobre o início da sua carreira como professora datam do ano derradeiro do Império e do início da República. Na fase posterior à Proclamação, a política sergipana agitava-se com “o jogo de aproximação e de rompimento entre os diversos grupos políticos e a profunda interferência do Governo Federal”, que “marcaram a vida partidária do período [...]” (OLIVA, 2013, p. 172). A partir de 1894, os políticos sergipanos passaram a ser alocados em dois grupos, chamados “pebas” e “cabaús”. Reclamações contra os professores e a falta de estrutura das escolas eram uma constante nesse período. Segundo Maria Thetis Nunes, “era precária a situação material dos prédios escolares, sendo raros os próprios do Estado. Faltava material escolar; até mesmo as carteiras para os alunos se sentarem estavam sendo substituídas por ‘cadeiras de pé de pau’” (NUNES, 2022, p. 304).

A primeira experiência profissional de Elvira Guerra de que temos conhecimento abrangeu o período de 30 de outubro de 1889 a 24 de março de 1890, quando foi professora avulsa do ensino misto do Povoado Ilha do Ouro, em Porto da Folha. Pouco tempo depois, em 27 de abril de 1890, foi designada para a cadeira do Povoado Atalaia Barroso, pertencente ao município de São Cristóvão, e para a cadeira de ensino misto do Povoado Oiteiros, localizado em Nossa Senhora do Socorro. Em função da supressão da sua cadeira no Povoado Oiteiros, a professora Elvira protestou: “**D. Elvira Honorina Guerra Fontes, professora publica vitalicia, reclamando contra o acto que suprimiu a cadeira que a supplente regia no povoado – Outeiros – Aguarde a supplicante a reforma que se tem de fazer na instrucção publica**” (A REFORMA, 1889, p. 2, grifo nosso). Em setembro



de 1890, atuava também como professora pública do ensino misto do bairro Fundação, subúrbio de Aracaju (A REFORMA, 1889).

Elvira e suas alunas ocuparam espaços públicos que iam além da unidade escolar para participar de bailes, por exemplo. No ano de 1891, o jornal *O Republicano* noticiou a realização de um baile no salão do Atheneu Sergipense destinado a arrecadar donativos. A matéria enfatizou a atuação das meninas, que, guiadas pelas suas professoras, comoveram a sociedade com tal gesto caridoso:

O interessante grupozinho de anjos que a anima, fez entregar os seus cartões de convite pelas mimosas mãos de **suas exmas. preceptoras d. Elvira Guerra Fontes** e d. Esther Christina Cardoso, que timbrão em apontar-lhes a senda da caridade. (O REPUBLICANO, 1891, p. 1, grifo nosso).

Observamos que, ao se dirigir às jovens e meninas como “*grupozinho de anjos*”, o redator estava fazendo referência ao ideal feminino de pureza e recato, já que “para muitos, a educação feminina não poderia ser concebida sem uma sólida formação cristã, que seria a chave principal de qualquer projeto educativo.” (LOPES, 2002, p. 447). Uma prova do seu prestígio social, certamente por sua profissão ser considerada digna e adequada, foi o fato de a jovem professora ter se tornado madrinha de três crianças entre o final do Império e o início da República. Além disso, se as mulheres tinham uma capacidade por natureza de lidar com as crianças no espaço escolar, ser madrinha de uma criança também implicava uma extensão da maternidade no que toca à responsabilidade de educar e cuidar do/a afilhado/a.

O primeiro registro encontrado foi o do batizado de José, pardo, nascido na Rua do Lazareto, em Aracaju. Essa rua ficava afastada do centro da cidade, onde provavelmente existiam casas de palha que estavam fora do traçado urbanístico conhecido como “Quadrado de Pirro”, área ocupada pelas famílias mais abastadas. Enquanto isso, a população pobre era empurrada para os subúrbios da capital. Elvira levou o menino à pia batismal em 6 de janeiro de 1887 junto ao seu irmão, Joaquim Guerra Fontes (FAMILY SEARCH, Livro 7, p.



90-91). Posteriormente, batizou, em 29 de junho de 1893, Clóvis, branco, ao lado do comerciante italiano Nicolau Pungitori. O menino era filho de Cândido Campos e D. Rosa de Carvalho Campos (FAMILY SEARCH, Livro 8, p. 90). Em outra oportunidade, ao lado de seu compadre Cândido, Elvira amadrinhou em, 6 de abril de 1894, Selço, com seis meses de idade (FAMILY SEARCH, Livro 8, p. 112). Seus novos compadres eram Firmino José dos Passos e Isabel Francisca dos Passos.

Em 10 de março de 1896, o nome de Elvira Guerra foi registrado em uma das “Atas da congregação do Atheneu Sergipense”. Na pauta daquele dia, entre os temas debatidos estava a eleição dos membros do Conselho Superior da Instrução Pública. A pesquisadora Eva Maria de Siqueira, responsável por cotejar essas informações, ressaltou a “presença de duas mulheres” (ALVES, 2005, p. 245) naquela ocasião, pois Elvira estava junto de D. Thereza de Assunção Barreto Rocha, também professora da capital.

Mas foi na primeira metade do século XX que Elvira Guerra Fontes ocupou vários cargos em diferentes instituições de ensino e circulou pelo campo intelectual e educacional de Aracaju, que já apresentava melhor infraestrutura com as obras de saneamento (aterros e drenagem), calçamento e instalação do sistema de bondes de tração animal e de água encanada. Entre 1907 e 1913, foi professora da Escola Normal, situada na Praça Benjamin Constant, atual Praça Olímpio Campos. A Escola Normal era composta pelas seguintes cadeiras: português, francês, aritmética, geografia e pedagogia. Reiteradamente, na primeira década do novo século, os presidentes de Estado se mostravam incomodados com a ausência de professores no ensino primário, que, nessa época, já era praticamente ministrado só por mulheres.

Parece-nos que atuar no funcionalismo público foi uma marca dos descendentes de Joaquim e Eufemia Guerra Fontes. Genésio Guerra Fontes, filho mais velho do casal, atuava como primeiro escriptorário do Tesouro Estadual (ALMANACK LAEMMERT, 1911, p. 2285), enquanto Manoel Guerra Fontes era segundo escriptorário da Delegacia Fiscal de Sergipe, localizada na Praça Fausto Cardoso (ALMANACK LAEMMERT, 1909, p. 1421). Antes disso, em fins do



século XIX, Manoel foi praticante da alfândega de Santos, estado de São Paulo (O PAIZ, 1890, p. 1).

Poucas informações foram conseguidas sobre a vida particular de Elvira, mas algumas de suas aparições públicas foram registradas. Um dado relevante encontrado na imprensa carioca nos deu indícios da sua filiação ao Protestantismo, já que ela frequentava a Igreja Evangélica Presbiteriana de Aracaju. A fundação dessa igreja aconteceu em 1901, e, segundo Tatiane da Cunha, “a proximidade do templo presbiteriano com a catedral e o palácio do Governo, desafiava duplamente o poder de Olímpio Campos, que nessa data exercia o mandato de presidente do Estado.” (CUNHA, 2021, p. 287). Também vale ressaltar que a Constituição de 1891 formalizou a separação entre Igreja Católica e Estado, mas, apesar disso, a relação entre católicos e protestantes se mostrou conflituosa nos primeiros tempos republicanos. No seio dessas tensões, procedeu-se à criação da Diocese de Aracaju no ano de 1911.

Na noite do dia 6 de dezembro de 1914, Elvira participou da recepção ao Reverendo Rodolpho Fernandes, o novo pastor que passaria a dirigir a Igreja Presbiteriana da capital a partir daquela data. Como era de costume por onde passava, a professora se fez notada pelo seu discurso:

Tambem se fez ouvir a **talentosa preceptora d. Elvira Guerra Fontes**, que concluiu offerecendo dois ramilhetes ao sr. dr. Rodolpho Fernandes, que muito agradeceu a bondade e a sympathia que de forma tão enternecedora lhe manifestava a sua Igreja, prometendo trilhar sempre o caminho do dever, para o que pedia a intercessão dos crentes perante o Throno do Altissimo (O PURITANO, 1914, p. 8, grifo nosso).

Naquele tempo, Elvira Guerra dava aulas no ensino primário ofertado pelo Grupo Escolar Central, que depois passou a se chamar Grupo Escolar General Siqueira de Menezes, até pelo menos 1931. Elvira também trabalhou no Povoado Aracajuzinho, localizado no quarto distrito da cidade, e no Grupo Escolar Barão de Maruim. A respeito da atuação desses grupos escolares, Terezinha Oliva e



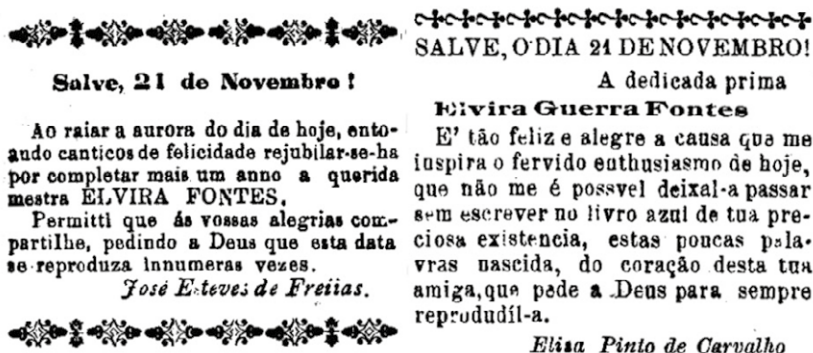
Crislane Azevedo afirmaram:

No momento de implantação dos Grupos Escolares, a instrução pública sergipana passava por inúmeras dificuldades. Nesse cenário, eles serão tidos como instituições modelares, constituindo-se no principal alvo das medidas governamentais no campo educacional, como mostra a preocupação com a formação dos professores, com a estrutura física dos prédios bem como as medidas relacionadas à higiene escolar e educação moral e cívica (AZEVEDO; OLIVA, 2003, p. 6).

O Grupo Escolar Barão de Maruim, inaugurado em 8 de julho de 1917 durante a segunda administração de Manoel Presciliano de Oliveira Valadão, passou a funcionar no antigo Asilo de Nossa Senhora da Pureza, extinto em 1888. O terreno em que foi construído o prédio foi doado pelo Barão de Maruim, patrono da instituição. Ainda no período imperial, a família de Elvira manteve relações próximas com o poderoso chefe conservador João Gomes de Mello, em especial o Capitão de mar e guerra José Guerra Fontes, seu avô. Segundo José Calasans (1942, p. 55), foi a própria Elvira quem lhe contou as intenções do presidente de província Inácio Joaquim Barbosa de contrair matrimônio com sua mãe, Eufemia Guerra. Mas foi o Tenente Joaquim Martins Fontes quem acabou se casando com a filha do Capitão Guerra por influência do Barão de Maruim, como também supôs Sebrão Sobrinho.

As referências à notável professora não se restringiam apenas aos locais em que ela lecionava. A título de exemplo, o dia do seu aniversário, 21 de novembro, era motivo de destaque nas colunas sociais da imprensa de Aracaju. Nos aniversários de 1903 e 1908, respectivamente, um aluno, José Esteves de Freitas, e a prima, Elisa Pinto de Carvalho, foram os responsáveis por lembrar aquela data tão importante para as pessoas que conviviam com Elvira:

Figura 2: Felicitações a Elvira



Fontes: O Estado de Sergipe, 21 de novembro de 1903, p. 3; O Estado de Sergipe, Edição nº 2.933, 21 de novembro de 1908, p. 2.

Na sequência, notamos que, em um dos anúncios reproduzidos abaixo, Elvira foi chamada de “senhora”, indicativo de que ela já era casada em 1911, situação diferente de muitas professoras que acabavam renunciando ao casamento para exercer o magistério.

Figura 3: Novas felicitações a Elvira

**Anniversarios**

Fez annos hontem a gentilissima *signorita* Heredia Sampaio.  
—Hoje :  
a exma. sra. d. Elvira Guerra Fontes, digna preceptora das Escolas Modelo e Annexas.

**VIDA SOCIAL**

Completa annos hoje a competente professora do Grupo Escolar Modelo d. Elvira Guerra Fontes.

Fontes: Diário da Manhã, Edição nº 99, 21 de novembro de 1911, p. 1; Correio de Aracaju, Edição nº 1.936, 21 de novembro de 1916, p. 1.

“Dedicada”, “competente” e “digna” eram alguns dos vários adjetivos que a qualificaram ao longo da vida. Sua presença foi notada na solenidade de inauguração do monumento de granito e bronze erguido para guardar os restos mortais do fundador de Aracaju, Inácio Joaquim Barbosa. O evento aconteceu em 17 de março de 1917, e não por acaso essa data foi escolhida, pois foi em 17 de março de 1855 que o ilustre presidente da província transferiu a capital de

São Cristóvão para Aracaju. Uma informação que não deve ser dispensada é que, entre as pessoas que ali estavam, como membros do IHGSE, políticos e autoridades, Elvira Honorina foi a única mulher mencionada na ata de inauguração (RIHGS, 1917, p. 27-30). Naquele ano, ela dava aula para meninas no Grupo Escolar Modelo, instituição anexa à Escola Normal que fora construída no governo de Rodrigues Dória, e regia a escola noturna do sexo feminino, situada na Rua do Bomfim (CORREIO DE ARACAJU, 1917, p. 2). Certamente, essa deveria ser uma das escolas mantidas pela Liga Sergipense contra o Analfabetismo (LSCA), fundada em 1916. No entender de Clotildes Sousa,

As ligas pernambucana e sergipana contra o analfabetismo constituíram-se sociedades pedagógicas no contrastante contexto do Norte do Brasil. Fundadas no solidarismo *sui generis* da cultura política liberal brasileira, ambas as instituições orientaram-se pela pedagogia moderna em voga no período de 1916-1922; pedagogia pautada em uma produção discursiva voltada para educação moral reguladora dos costumes e promotora da consciência republicana necessária à consolidação do Estado Nacional (SOUSA, 2019, p. 49).

Ao analisar as atas do primeiro ano de instalação da Liga, Anamaria de Freitas (2003, p. 130) constatou que “um pequeno número de professoras e mulheres oriundas das famílias tradicionais do Estado aparece como sócias”, dentre elas Elvira Fontes. A partir de então, a professora do ensino primário passou a conviver mais proximamente com mulheres como a médica Itala Silva Oliveira, 1ª secretária da LSCA. Além delas, também faziam parte da lista de sócios da Liga intelectuais, políticos, médicos, bacharéis etc. Os registros também mostraram que Elvira ocupou o cargo de 1ª secretária em 1930, chegando a alcançar a vice-presidência da Liga entre 1933 e 1936. Portanto, “as mulheres que eram consideradas parte da elite estavam envolvidas em questões sociais, como a fundação de instituições de representatividade intelectual e outras de cunho filantrópico [...]” (ALMEIDA, 2017, p. 32).



Em 19 de novembro de 1927, Dia da Bandeira, realizou-se uma sessão extraordinária no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, “quando aos novos associados seria entregue o respectivos diplomas, sendo elles festivamente recebidos no seio do Instituto” (RIHGS, 1927, p. 195). A partir daquele dia, a professora Elvira passou a integrar o quadro de sócios efetivos do Instituto, e, durante o encerramento da sessão de sua posse, ela discursou sobre o papel da mulher na sociedade:

**Em ultimo lugar falou a professora Elvira Guerra Fontes, que frisou as conquistas da mulher na sociedade; vendo que ella a passos firmes ganhando posição de relevo em todos os meios.** O presidente franqueou a palavra a quem mais a quizesse, não havendo mais quem a solicitasse, pelo que, agradecendo, o comparecimento da selecta assistente encerrou a sessão. E para constar lavrei a presente acta que vae devidamente assignada.” (A. A.) F. Nobre de Lacerda. Enock Santiago. (RIHGS, 1927, grifo nosso).

O jornal *Correio de Aracaju* também tomou nota da sua participação naquela sessão, realizada no salão da Biblioteca Pública:

[...] **a brilhante professora Elvira Guerra Fontes falou com eloquencia arrebatadora,** especialmente sobre o papel sublime da mulher, como esposa, como conselheira, como orientadora, como encarnação de virtudes e religiosidades, como capacidade effectiva em todos os ramos da actividade humana. (CORREIO DE ARACAJU, 1927, p. 1, grifo nosso).

Além do fato de ressaltar a importância da participação feminina no Instituto, percebemos que a fala de Elvira Guerra estava conectada com os anseios de uma maior emancipação da mulher, mas sem deixar de estar associada também às regras morais da sociedade em que ela estava inserida. Afinal de contas, não podemos deixar de levar em consideração que a nossa personagem estava prestes a completar 61 anos. Portanto, identificamos no seu discurso a representação ideal da mulher para aquela época que se adéqua tanto

ao magistério quanto à função familiar: a disciplinadora, a mulher honesta e dedicada. Elvira não foi a única mulher a acessar aquele espaço de congregação da elite intelectual porque outras educadoras chegaram a se associar ao Instituto, como Maria Amélia Fontes, Maria da Glória Chaves, Leonor Teles de Menezes, Maria Rita Soares de Andrade, entre outras. Em sua tese doutoral, Mariane Almeida entendeu que o aumento da presença feminina nesses espaços de sociabilidade foi o resultado de mudanças comportamentais significativas impulsionadas pelo espírito modernista da época:

No início do século XX houve um número expressivo de mulheres letradas que fizeram uso racional dos acessos aos espaços de convivência social, como os clubes de dança, as associações esportivas, os grêmios recreativos, os salões de festa, os cafés, dentre outros. Nesses ambientes faziam demonstrações de habilidades, talentos e da capacidade de crítica política e social, através de suas composições, fazendo com que sua participação fosse bem quista e requisitada (ALMEIDA, 2017, p. 25).



Em 1922, durante a festa de encerramento das aulas do Grupo Escolar General Siqueira, os alunos da professora Elvira destacaram-se durante a comemoração, que contou com a presença das autoridades estaduais: ***“Recitaram lindas poesias allusivas á Instrucção a professora d. Elvira Guerra Fontes e um dos alumnos daquelle estabelecimento de ensino.”*** (CORREIO DE ARACAJU, 1922, p. 1). Sobre essas festas que antecediam as férias, Anamaria de Freitas afirmou que “após os exames, as alunas apresentavam peças dramáticas e musicais e recitavam poemas e textos literários.” (2003, p. 45). Outras datas comemorativas eram festejadas pelos grupos escolares e colégios particulares da capital, como o 15 de Novembro, em alusão à Proclamação da República, e a Festa da Bandeira em 19 de novembro. Já que as festas cívico-escolares aconteciam nas praças e ruas, estas continuaram a receber melhorias, especialmente no governo de Maurício Graccho Cardoso (1922-1926). Vale frisar que a reforma urbana de Aracaju foi iniciada ainda na presidência do Coronel José Joaquim Pereira Lobo, antecessor de Graccho.

Na tese *A mulher na literatura*, produzida no ano de 1929 para o concurso de docente do Atheneu Sergipense, a candidata Maria Rita Soares de Andrade, primeira advogada de Sergipe, discorreu no seu último capítulo sobre a formação das mulheres sergipanas e elencou as que mais se destacavam na literatura daquele período. Na poesia, um dos destaques citados por Maria Rita foi Elvira Guerra Fontes (SOUZA, 2016, p. 201). Porém, até o momento, não encontramos nenhum poema de sua autoria.

Em 1933, foi escrito o testamento público de Joaquim Guerra Fontes, irmão um ano mais velho que Elvira, solteiro e funcionário público recém-aposentado. Durante certo tempo, Joaquim também trabalhou no Tesouro ao lado do irmão Genésio Guerra Fontes. Posteriormente, ingressou na Diretoria de Finanças, onde permaneceu até 1931. No documento, consta que Joaquim somente deixou para a irmã um relógio de parede que estava em sua casa, localizada na Rua do Bomfim, número 3. Pelo menos desde 1924, ele já residia naquele endereço, porém essa rua não se enquadrava no plano geral da cidade.

Não só Elvira trabalhava diretamente com a educação, pois seu sobrinho, Homero Guerra Fontes, integrou o quadro administrativo do Atheneu Sergipense em 1924 e 1925 (ALMANACK LAEMMERT, 1924, p. 1091). Ele exercia o cargo de bedel, passando depois para o cargo de porteiro contínuo da mesma instituição. Em suma, o bedel exercia a função de bibliotecário e amanuense. Contudo, pouco tempo depois, uma suspensão sofrida pelo recém-empossado porteiro foi divulgada em relatório: “*Informa que em 25 de abril foi imposta ao porteiro-contínuo Homero Guerra Fontes, pena de suspensão por 15 dias, por faltas graves cometidas no exercício de sua função [...]*” (SANTANA, 2012, p. 132). Homero residia na Rua de Laranjeiras e era filho de Robina Oliveira de Araújo e do Cadete Genésio Guerra Fontes, irmão mais velho da professora Elvira e falecido em 11 de janeiro de 1920 (FAMILY SEARCH, Livro 8, p. 6). Homero nasceu em Aracaju e foi batizado em 4 de julho de 1880, recebendo o nome de um dos seus ilustres padrinhos, o bacharel e poeta Homero de Oliveira. Também o apadrinhou o Vigário Olímpio de Sousa Campos (FAMILY SEARCH, nº 3.696, p. 1).

Até o presente momento, não sabemos se Elvira Guerra Fontes teve filhos/as ao longo da vida, nem quando deixou este mundo. E, ao pesquisar as ocorrências do seu nome na Hemeroteca Digital, o último registro encontrado nos jornais é datado de 1959 (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1959, p. 5), referente a um processo para proceder a pagamentos atrasados da Guerra do Paraguai. Acreditamos que esses pagamentos tenham alguma relação com a pensão vitalícia que Elvira recebia por causa da participação de seu pai, militar do Exército, naquele conflito. Apesar do que foi resgatado, algumas páginas da vida de Elvira ainda são como um livro em branco para o/a pesquisador/a. Por isso, a próxima etapa para a continuidade desta pesquisa será perscrutar a trajetória e investigar a atuação da também professora Nithazia Guerra Fontes, que supomos ter algum parentesco com a docente neste artigo evocada.

228



## Referências

A Reforma, Edição nº 173, 24 de dezembro de 1889.

AGJES - Arquivo Geral do Judiciário do Estado de Sergipe. *Inventário de Joaquim Martins Fontes*. Fundo: Aracaju, Cartório do 2º Ofício, cx. 22/2329, nº 361.

ALMANACK LAEMMERT, Edição B00066, 1909.

ALMANACK LAEMMERT, Edição B00068, 1911.

ALMANACK LAEMMERT, Edição C00080, 1924.

ALMEIDA, Marlaine Lopes de. *O Club esportivo feminino e as formas de sociabilidade para as mulheres da elite em Aracaju (1919-1926)*. 142f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/24211/1/O%20CLUB%20SPORTIVO%20FEMININO%20E%20AS%20FORMAS%20DE%20SOCIABILIDADE%20PARA%20AS%20MULHERES%20DA%20ELITE%20EM%20ARACAJU%20%281919-1926%29.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2023.

ALVES, Eva Maria de Siqueira. *O Atheneu sergipense: uma casa de educação literária examinada segundo os planos de estudos (1870-1908)*. 318f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política e Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/>

bitstream/handle/10576/1/O%20Atheneu%20Sergipense%20%28tese%29.pdf.  
Acesso em: 14 ago. 2023.

AZEVEDO, Crislane Barbosa de; OLIVA, Terezinha Alves de. A implantação da escola primária graduada em Aracaju na Primeira República. *Anais do XXII Simpósio Nacional de História da ANPUH*. João Pessoa, 2003. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177541\\_690355dde7fbfc6e4919e085fb984eff.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177541_690355dde7fbfc6e4919e085fb984eff.pdf). Acesso em: 23 jun. 2023.

BURKE, Peter. *História e teoria social*. Tradução Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer, Roberto Ferreira Leal. 2. ed. ampl. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

CALASANS, José. *Aracaju: contribuição à história da capital de Sergipe*. Aracaju, 1942.

CATANI, Afrânio Mendes [et al]. (Orgs.) *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CORREIO DE ARACAJU, Edição nº 2.189, 21 de novembro de 1917.

CORREIO DE ARACAJU, Edição nº 590, 21 de novembro de 1927.

CORREIO DE ARACAJU, Edição nº 3.562, 25 de novembro de 1922.

CUNHA, Tatiane Oliveira da. *Liberdade religiosa em questão no Brasil: práticas, representações e imprensa nos conflitos entre católicos e protestantes em Sergipe (1867-1927)*. 455f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/13331>. Acesso em: 14 ago. 2023.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Edição nº 10.207, 30 de maio de 1959.

FAMILY SEARCH. Batismos (1864-1871). *Livro 1*. Nossa Senhora da Conceição. Aracaju, Sergipe, nº 584.

FAMILY SEARCH. Batismos (1880-1883). *Livro 6*. Nossa Senhora da Conceição. Aracaju, Sergipe, nº 3.696.

FAMILY SEARCH. Óbitos (1882-1887). *Livro 7*. Nossa Senhora da Conceição. Aracaju, Sergipe, nº 4610.

FAMILY SEARCH. Batismos (1883-1890). *Livro 7*. Nossa Senhora da Conceição. Aracaju, Sergipe.

FAMILY SEARCH. Batismos (1890-1897). *Livro 8*. Nossa Senhora da Conceição. Aracaju, Sergipe.

FAMILY SEARCH. Óbitos (1919-1925). *Livro 8*. Nossa Senhora da Conceição. Aracaju, Sergipe.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. *Educação, trabalho e política: sergipanas no início do século XX*. 310f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/1075>. Acesso em: 14 ago. 2023.

GOIS, Manuel d'Araújo. *Relatório Provincial de 1886*. Anexos. Aracaju: Typografia da Gazeta do Aracaju, 1886.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JORNAL DO ARACAJU, Edição nº 895, 04 de dezembro de 1877.

LOPES, Guacira Lopes. Mulheres na Sala de aula. In: PRIORE, Mary del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002. p. 443-481.

LUZ MATINAL, Edição nº 02, 15 de junho de 1882.

NUNES, Maria Thetis. *História da Educação em Sergipe*. 3. ed. Aracaju: Editora SEDUC, 2022.

O PAIZ, Edição nº 2071, 10 de junho de 1890.

O PURITANO, Edição nº 784, 24 de dezembro de 1914.

O REPUBLICANO, Edição nº 08, 06 de janeiro de 1891.

OLIVA, Terezinha Alves de. Estruturas de Poder. In: LEAL, Diana Maria de Faro (Coord.); DANTAS, Beatriz Góis et al. *Textos para a História de Sergipe*. 2. ed. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2013.

RIHGS - *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, Typografia do Estado de Sergipe, 1917. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/rihgse/article/view/12049/9157>. Acesso em: 7 jul. 2023.

RIHGS - *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe* (1926-1927), Anos XI e XII, Volume VII, n. 12, 1927.

SANTANA, Sayonara Rodrigues Nascimento. *Por entre memórias de uma instituição: o arquivo e as práticas administrativas do Atheneu Sergipense (1870-1926)*. 145f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2012. Disponível em: [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4682/1/SAYONARA\\_RODRIGUES\\_NASCIMENTO\\_SANTANA.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4682/1/SAYONARA_RODRIGUES_NASCIMENTO_SANTANA.pdf). Acesso em: 14 ago. 2023.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 63-95.



SERGIPE JORNAL, Edição nº 17, 10 de novembro de 1881.

SERGIPE JORNAL, Edição nº 21, 20 de novembro de 1881.

SOUSA, Clotildes Faria de. *Associativismo pedagógico: a luz das “ligas contra o analfabetismo” de Pernambuco e Sergipe (1916-1922)*. 219f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019. Disponível em: [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/11821/2/CLOTILDES\\_FARIAS\\_SOUSA.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/11821/2/CLOTILDES_FARIAS_SOUSA.pdf). Acesso em: 14 ago. 2023.

SOUZA, Suely Cristina Silva. *“Habilitado ou “Inhabilitado”*: os concursos para professores do Ensino Secundário em Sergipe (1875-1947). 399f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016. Disponível em: [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4591/1/SUELY\\_CRISTINA\\_SILVA\\_SOUZA.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4591/1/SUELY_CRISTINA_SILVA_SOUZA.pdf). Acesso em: 14 ago. 2023.

